

O Lugar das Redes Sociais na Construção das Identidades: *quando as fronteiras entre o real e o imaginário se diluem*

Jânio Tomé Matias de Ávila

No século XXI encontramos nas mídias digitais e suas modalidades de escritura e leitura novas performances de construção da identidade do sujeito. Essas mídias são espaços que se abrem para que o próprio sujeito estabeleça, ele mesmo, um cenário de atuação e um enredo a ser seguido, fazendo de si um personagem que se projeta para fronteiras que dificilmente estabeleceriam com nitidez onde termina a realidade e onde começa a imaginação ou a distorção do real.

As redes sociais, como espaços de interação e de performances inimagináveis, possibilitaram a todos a construção virtual de uma vida que sob muitos aspectos torna-se mais interessante e dinâmica do que a vida palpável que limita e circunscreve o sujeito social moderno. Sob algumas instâncias, as redes sociais concretizam o desejo de ser uma celebridade, desejo esse que muitos possuem, além de tornar a nossa realidade e, principalmente, a nossa personalidade, como algo *editável*, ou seja: tomamos nós mesmos como autores da imagem que se projeta por meio de nossa *persona* social.

Estaria aqui, portanto, a grande fascinação dessas redes sociais: a sua potencializadora capacidade de criar *personas* tal como personagens que se edificam por meio de frases, comentários, fotos, desejos e todo tipo de socialização que pode ser ali projetada. A grande diferença e também o grande atrativo das redes sociais, contudo, é que elas nos autorizam a esta auto-edição. Dessa maneira, eu edito aquilo que eu quero editar sobre a minha vida, e assim eu me projeto como uma personalidade capaz de construir a imagem que as pessoas terão de mim. Seja ela verdadeira ou não. Na falta de interação social eu faço das redes sociais o meu palco de comunicação, construindo aquilo que Camille Paglia conceitua de *persona* na sua obra *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*, de 1992.

Ao longo dos ensaios que compõem o livro, Camille Paglia conecta o termo *persona* a algo que, segundo ela, pode ser compreendido como **atitude**, **postura** ou **performance** de atuação de todo indivíduo dentro do palco social da vida. Para ela, podemos identificar uma galeria infindável de *personas* que funcionariam mais ou menos como papeis que teríamos à disposição para escolher em diferentes performances no decurso de nossa existência. A vida social, a vida profissional, a vida conjugal e a vida sexual exigiriam atuações distintas e, como tais, estariam aptas para que os sujeitos pudessem construir as distintas *personas* segundo os condicionamentos de desejo e mesmo fetiche pelos quais estariam factualmente influenciados.

Tomando esse posicionamento de Paglia (1992), a nossa identidade é apreendida como um **projeto de engenharia**, assim: eu crio os paradigmas que edificarão a minha *persona* para o mundo. Seus gostos e todo o universo pessoal e profissional que a envolve serão cuidadosamente editados para que nada fuja ao controle e para que dentro daquele espaço, haja segurança, controle e sucesso. Se a vida real não é assim, a *persona* que se projeta a partir das redes sociais pode ser o que quiser, sendo tudo apenas uma questão de edição.

No entanto, diante de um cenário tão vago e quase fictício, poderíamos nos perguntar: o que isso acrescentaria de fato à realidade do sujeito e quais as implicações que a construção dessa *persona* virtual teria sobre a real vida profissional, familiar e social? Haveria lugar para uma justaposição da realidade com a ficcionalidade das redes sociais ou a contaminação de uma pela outra seria tão danosa que nem mesmo o próprio sujeito teria o discernimento necessário para estabelecer essa fronteira? Essas sondagens perfazem uma série de questionamentos que se impõem como premissas para que possamos tentar entender como facilmente nos tornamos reféns de uma vontade de controlarmos a imagem que as pessoas elaboram de nós mesmos. Dominar essa imagem é um desejo antigo que remonta a inúmeros diálogos com a literatura, com os mitos e o cinema enquanto linguagens que performatizam esse desejo de edificarmos uma *persona*. Ir ao encontro desses diálogos é uma possibilidade para entendermos o quão forte é essa ideia que hoje aparece mais intensa do que nunca por meio das novas redes sociais,

possibilitando nuclear exemplos que legitimam essa vontade: o domínio da imagem como um mecanismo de controle da própria vida. Esse desejo pode ser mapeado aqui por meio de alguns exemplos que interagem com essa busca.

A literatura e a mitologia nos trazem referências fortes de *personas* que tentaram sob diferenciadas nuances dominar a própria imagem. O conceito de identidade moderna perpassa uma ideia de constante construção, cabendo a nós uma interminável reconfiguração daquilo que somos e como somos. As novas redes sociais canalizam esse imaginário, potencializando o desejo de dominarmos quem somos e o que pensam de nós. Dentro dessa nova possibilidade é necessário que alguns pontos sejam observados para que o sujeito pós-moderno não se torne refém de uma constante busca pela sua identidade, ou pior do que isso, que venha a sucumbir diante de uma busca infinita e capaz de condicioná-lo a uma clausura existencial.

Exemplos desse processo esquizofrênico de *modus operandi* da vida pontuam alguns personagens presentes no imaginário ocidental, e talvez tenhamos no mito de Narciso, dentro da mitologia grega, um dos exemplos mais fascinantes de uma *persona* que não apenas viveu condicionada à projeção de si como também aceitou essa projeção como uma clausura para a sua existência. Toda a vida de Narciso foi encerrada e circunscrita à imagem que fora criada dele e, uma vez conhecedor dessa imagem, tornou-se incapaz de articular outras possibilidades para o seu existir. Narciso tornou-se a partir daí um prisioneiro metafísico que condicionou-se à constante busca pela manutenção de uma identidade, que no seu caso estava ligada à perfeição e à beleza física. No encantamento do lago, no qual Narciso vê a dimensão de sua *persona*, e na impossibilidade de abandoná-la, encontraríamos uma analogia que pode ser aplicada àqueles que não conseguem abandonar as redes sociais como um espaço de projeção de si mesmos, como se os contatos reais e palpáveis fossem agora simulacros das suas identidades midiáticas, estas sim mais interessantes, ricas e capazes de proporcionar experiências admiráveis.

A alienação do sujeito pela projeção de si dialoga com a projeção que Narciso teve de sua imagem no reflexo do lago que, aos seus olhos, era uma imagem perfeita, funcionando como uma identidade imaculada e, por isso mesmo, digna de constante veneração. Essa apreensão que o mito constrói para si estabelece uma sintonia com milhares de pessoas mundo afora, em sua grande maioria jovens e adolescentes, mas também muitos homens e mulheres já adultos, que estão conduzindo suas vidas segundo os parâmetros de redes sociais que os colocam como editores de sua própria identidade. Caso esta analogia de fato seja pertinente, e penso que haja muitas razões para legitimá-la, qual seriam as suas implicações para os sujeitos que estariam assim condicionados? Se levarmos em conta o mito de Narciso, a resposta parece ser trágica uma vez que o seu fim não foi outro que não a destruição psíquica e a ruína completa da sua individualidade. Narciso entrou em um desequilíbrio mental que o levou à morte; um desequilíbrio tão vertiginoso que o incapacitou a perceber que a sua vida e imagem não eram aquelas que se refletiam no espelho lacustre que as tomavam. Jovem e imaturo, ele foi inapto para entender que vida e imagem são *devires* cujo dinamismo e mutação não podem ser controlados por algo ou alguém, sendo que o que move ambas, vida e imagem, possui uma força imanente e, por ser quase autônoma, ela é incapaz de se *asujeitar* a qualquer vontade.

A destruição de Narciso, portanto, evoca-nos a percepção de que somos totalmente incapazes de controlar nossa identidade, e muito menos de direcioná-la conforme os padrões pré-estabelecidos pelo momento histórico que a contextualiza. Percebendo tal armadilha, podemos encontrar no mito de Narciso o protótipo do sujeito que foi vencido por uma fragmentação de si, buscando constantemente a construção do todo por meio de pedaços em decomposição. Imiscuindo-se nesse universo de diluição da vida vivida, encontramos indivíduos que passam horas, ou mesmo dias inteiros envolvidos com a edição de suas vidas por meio de redes sociais que alimentam esse ciclo vicioso. Na tentativa de controle e edição de sua identidade o que não raro acontece é a fuga do real e a imersão em uma realidade paralela que aliena e, tal como a de Narciso, engendra uma prisão mental para suas vítimas. No iminente fracasso que sempre é o de controlar a imagem que

criamos de nós, a frustração é tanto maior quanto mais forte for o empenho e o tempo empregado nesse objetivo. À semelhança de Narciso, também hoje são os nossos jovens que perdem seu precioso tempo, tempo esse que poderia ser canalizado para uma formação cultural mais ampla e sólida, ao invés de uma interação em redes sociais que nada mais fazem do que tergiversar suas vidas por caminhos fictícios e que talvez não lhes dêem uma sólida segurança afetiva. Afinal de contas, ter centenas de amigos em redes sociais parece ser um engodo quando sabemos que dificilmente alguém consegue manter vínculos estreitos de amizade e cumplicidade com um universo tão grande de pessoas.

Sob esse aspecto, também neste quesito as redes sociais tornam-se armadilhas que dão a falsa ilusão de estarmos constantemente acompanhados, tendo mais uma vez aqui o exemplo de uma realidade que se projeta a partir de um coletivo, mas que não corresponde a uma dimensão mais profunda de humanidade. Retomando a também grega caverna de Platão, na qual os indivíduos são presos a falsas realidades, tomamos as redes sociais como uma metamorfose da vida social e afetiva de boa parte da humanidade neste princípio de século e, diferente dos prisioneiros da caverna que não sabiam que aquilo que viam não eram imagens reais, o mais surpreendente e desafiador é que as imagens e identidades projetadas hoje são não apenas legitimadas por seus prisioneiros como ainda alimentadas diariamente por eles mesmos, como se estivessem ainda mais incapacitados de ver o *real* do que os acorrentados da alegoria platônica. Em um mundo que valoriza a produção e divulgação da imagem como verdades imanentes, torna-se cada vez maior o número de pessoas que têm a sua identidade muito mais pautada pelo imaginário que ela pode ser capaz de produzir do que pelos valores que a mantém como um traço de individualidade. A fronteira que separa a identidade real daquela que é projetada pelas redes sociais por vezes é tão tênue que impossibilita a construção de uma existência que hoje aparece pulverizada em mecanismos de sustentação bastante frágeis e, caso não consiga desvencilhar-se dessas teias, o sujeito corre para o precipício mítico de Narciso, que abandonou a vida real por ter-se encantado com a sua imagem projetada ao mundo. Essa prisão custou a vida ao jovem grego e serve-nos

como admoestação para que tenhamos em mente que o cuidado excessivo com nossa imagem assim como o desejo de mantê-la sob nosso domínio são ferramentas que cedo ou tarde se voltarão contra nós mesmos, cobrando um preço que ainda não sabemos qual será. Se Narciso pagou com a vida esse esquecimento, talvez a nós caiba o vazio de percebermos o quanto de tempo foi consumido para alimentar essa *persona* que muitas vezes nos foi imposta por um coletivo massificador como o das redes sociais. Tentar manter uma vigilância para que não caiamos sob esse *encantamento* da imagem é fundamental para mantermos a nossa própria identidade sadia, longe dos efeitos hipnóticos que por vezes nos enclausuram a uma dimensão claustrofóbica da existência.

É certo que as novas mídias trouxeram uma possibilidade maior de interação com outras pessoas, no entanto, para mantermos a qualidade dessas relações precisamos nos afastar da tentação de Narciso, que tão encantando ficou com a projeção de sua imagem que perdeu a vida real que o aguardava. As horas infinitas que passamos sob essa condição de encantamento rememoram o trágico destino do mito e tê-lo como um exemplo é um mecanismo de defesa para não nos esquecermos de que vida virtual não pode substituir a vida real, sendo apenas um simulacro que, embora prazeroso, deve funcionar como uma linguagem coadjuvante, mas nunca protagonista de nossa existência.

SOBRE O AUTOR

Jânio Tomé Matias de Ávila é doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Seu foco de pesquisa reside no entrelaçamento da Literatura com outras linguagens que a perfazem e a influenciam, como a música, as novas mídias e o cinema, procurando as nuances de aproximação e mútuas influências entre estas expressões artísticas.

Referências bibliográficas:

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

